

**Nome:** Luciana Valéria Nogueira

**E-mail:** luavnogueira@gmail.com

**Instituição de Ensino:** USP

**Orientadores:** Profa Dra. Maria Elice B. Prestes (IB) e Prof. Dr. Maurício de Carvalho Ramos (FFLCH – coorientador)

A TEOLOGIA NATURAL DO SÉCULO XIX E O CRIACIONISMO CIENTÍFICO NO  
MEIO ACADÊMICO CONTEMPORÂNEO: UMA DISCUSSÃO SOBRE O PODER  
PASTORAL

**Resumo:** O presente trabalho se insere em um projeto mais amplo, de doutorado, que busca compreender os impactos da Teoria Darwiniana da Evolução sobre a Teologia Natural do século XIX. No entanto, disso não decorre a defesa de que o criacionismo científico, perceptível no ambiente acadêmico no mundo contemporâneo, seja equivalente ou uma espécie de reedição da Teologia Natural do século XIX. Trata-se, antes, de buscar compreender a que forças obedecem as vertentes criacionistas entre acadêmicos na atualidade. Talvez um caminho esclarecedor nesse sentido seja justamente a de uma comparação entre esses dois modos de compreender a natureza e, em particular, os seres vivos. Ao lançar mão do campo científico a fim de respaldar suas crenças religiosas, criacionistas contemporâneos e teólogos naturais do século XIX se aproximam. Mas, certamente, em chaves de raciocínio e obedecendo a demandas distintas. Acredito que uma abordagem filosófica sobre ambas manifestações pode lançar luzes para uma melhor compreensão tanto sobre os impactos da teoria da evolução sobre a teologia natural quanto sobre o fenômeno a que assistimos da proliferação de acadêmicos francamente criacionistas. O percurso ora proposto toma como documento principal para análise a obra *Natural Theology* (1893) do físico e teólogo natural irlandês George Gabriel Stokes (1819-1903), resultado da série de conferências proferidas por ele nas *Gifford Lectures*<sup>1</sup> entre os anos de 1891 e 1893. Em particular a conferência X na qual dialoga diretamente com a

---

<sup>1</sup> As Gifford Lectures são séries anuais de palestras instituídas por Adam Gifford (Lord Gifford – 1820-1887 – advogado e juiz escocês) com o intuito de divulgar estudos de Teologia Natural. Elas acontecem desde 1888 e envolvem quatro universidades da Escócia: Universidade de Andrews, Universidade de Glasgow, Universidade de Aberdeen e Universidade de Edimburgo.

Teoria Darwiniana da Evolução. O trabalho do físico irlandês é entendido como um documento que retrata o estado da Teologia Natural pós-Darwin. A fim de tratar do criacionismo científico no mundo acadêmico contemporâneo, toma-se como documento o livro *A caixa preta de Darwin* (1996), do bioquímico estadunidense Michael Behe (1952-) da Universidade de *Lehigh*, Pensilvânia. Nessa obra, Behe toma elementos da complexidade bioquímica a fim de dar suporte à necessidade racional de existência de *design* inteligente e, conseqüentemente, da existência de um *designer*.

Na Teologia Natural de Stokes o percurso seguido para chegar à razoabilidade intrínseca da noção de *design* inteligente é bastante longo. Vale destacar três aspectos fundamentais acerca de sua fé religiosa. O primeiro deles refere-se ao argumento do *design* inteligente de Willian Paley<sup>2</sup> como prova da existência de Deus. O segundo está ancorado na visão do filósofo William Whewell (1794-1866) acerca do senso moral. Para este, as noções morais são inatas e não algo derivado a partir de uma via utilitarista ligada à experiência. E, finalmente, a convicção de que os relatos bíblicos eram portadores da verdade (WILSON, 2011). Foi a partir desse quadro geral de convicções religiosas que Stokes procurou resolver suas posições na fé na doutrina cristã com as teorias científicas. De acordo com ele, no imenso período do tempo geológico, Deus interveio repetidas vezes para criar e dar os desígnios das várias espécies de plantas e animais, incluindo o homem (WILSON, 2011). O uso apropriado da razão humana, como se observa na ciência, não poderia conduzir o homem a perder-se. Essa noção de uso apropriado da razão como forma de não errar era uma espécie de dogma para os teólogos naturais. Assim, para Stokes, a Biologia parecia aceitar um padrão mais baixo de evidências que aquelas alcançadas pela Física. As teorias de forças não materiais, como a gravidade, o misterioso éter, acabaram por colocar a Física, por analogia, mais próxima do pensamento religioso. Em contrapartida, os biólogos, de acordo com o pensamento de Stokes, por abraçarem muito rapidamente a ideia de certa continuidade da Teoria Evolucionista, isto é, de sua aplicabilidade a todos os seres vivos, em oposição, acabaram por promover o materialismo (STOKES, 1893, p. 247-260). O problema para Stokes não era o conceito de seleção natural, mas, antes, a noção de ancestralidade comum entre todos os seres vivos. Ele não chega a mencionar esse ponto de forma direta, mas sua discussão acerca da causação remete a isso. Para Stokes é inadmissível a supressão da causa primeira, ou seja, de Deus. Por isso a Teoria da

---

<sup>2</sup> Willian Paley (1743-1805), teólogo britânico, foi a grande referência para os teólogos naturais do século XIX. Sua obra *Natural Theology* (1802) é o alicerce sobre o qual essa teologia se assenta.

Evolução não pode ser considerada uma teoria. A seleção natural pode ser entendida como uma ocasião para ação de Deus, o que remete inevitavelmente ao pensamento de Nicolas Malebranche (1638-1715). Mas, a evolução, nos termos de Charles Darwin (1809-1882), não pode ser aceita na medida em que prescindir do Criador.

Em Behe, a crítica à teoria da evolução se detém sobre outro aspecto: a seleção natural não é capaz de explicar a microevolução. Ela pode ser admitida em termos de macroevolução, mas esse mesmo mecanismo não é capaz de explicar a “surpreendente complexidade” dos fenômenos bioquímicos em nível molecular (BEHE, 1997, p. 15). A questão da ancestralidade comum em relação à causa primeira não é o foco do bioquímico estadunidense. Nesse sentido ele se aproxima de Peter Mark Roget (1779-1869), médico e teólogo natural inglês, autor do V Tratado de *Bridgewater*<sup>3</sup> (1834). Para Roget, assim como para Behe, a complexidade e diversidade dos seres vivos e a perfeita harmonia entre forma e função são provas da existência de um *designer*.

Vale ressaltar que a alcunha “criacionismo contemporâneo” nos esclarece muito pouco a respeito dos conceitos e ideias abrigadas sob esse nome. Há muitos criacionismos na contemporaneidade, de acordo com Sandro de Souza (2009, p. 41). Aqui nos interessará o criacionismo autointitulado criacionismo científico.

O criacionismo científico mais bem representado politicamente é o criacionismo do *design* inteligente. As motivações políticas e religiosas dos movimentos criacionistas ganharam forças novas nas últimas décadas do século XX com a publicação de *Darwin on Trial* por Phillip Johnson (1940- ) e a criação do Instituto *Discovery* em 1990, do qual Behe é membro sênior, e do Centro para a Renovação da Ciência e da Cultura em 1996. Este centro viu suas estratégias tornarem-se públicas quando o “Documento *Wedge*” foi

---

<sup>3</sup> A série de oito tratados escritos entre 1833 e 1840 nasceu do desejo e do investimento financeiro do Reverendo Francis Henry Egerton (1756-1829), conde de *Bridgewater*. Pouco antes de sua morte, levou seu testamento a público no qual destinava recursos a serem aplicados pela *Royal Society* de Londres na produção de obras cujos temas fossem relacionados aos estudos de Teologia Natural. A inspiração para o projeto da série de tratados foi a obra *Natural Theology* de Paley. Segundo o presidente da *Royal Society* de Londres da época, Davies Gilbert (1767-1839), a quem foi confiada a execução do projeto, os *Tratados de Bridgewater* representavam o estado seguro e ortodoxo da ciência nos primórdios da Inglaterra vitoriana (WYHE, 2002).

colocado, à revelia de seus autores, na internet. O documento propõe eliminar o materialismo e o seu legado tido como destrutivo para a moral, a cultura e a política. O materialismo poderia, então, ser substituído pela visão teísta defendendo a ideia de que a natureza e os seres humanos foram criados por Deus (Souza, 2009, pp. 144-146). Já há mostras de sucesso nesse empreendimento. Em 1999, no Kansas, o estudo da teoria da evolução foi equiparado, nos currículos escolares, ao estudo do Gênesis.

Depreende-se dessa breve discussão que se para Stokes o cristianismo não compete com a ciência, mas sim pode complementá-la, para os criacionistas científicos do século XXI trata-se de uma batalha em que a conciliação não apenas não é possível, como parece mesmo não ser desejada. Uma reflexão filosófica profunda, à luz do pensamento de Michel Foucault (1926-1984), sobre esse tema poderia trazer à tona a discussão acerca dos desdobramentos desse posicionamento criacionista radical. A hipótese de largada é a de que, ao se revestir de uma suposta cientificidade, esse criacionismo ganha contornos em que o poder pastoral (FOUCAULT, 1979) pode ser exercido de maneira mais potente. Pretendendo deixar de ser uma fé uma religiosa, mas, antes, um exercício científico válido, os criacionistas científicos propõem abordagens educacionais por meio de ações políticas bastante concretas, numa condução das almas e dos corpos a uma salvação que seria respaldada pela ciência. A chancela dos saberes científicos parece ser um viés fundamental na contemporaneidade para se ganhar as almas. Seria a proposta criacionista científica uma nova forma de poder pastoral? Ou apenas uma remodelagem das tecnologias do eu com vistas à construção de subjetividades assujeitadas ao saber/poder científico-religioso?

### ***Referências Bibliográficas***

- BEHE, Michael. *A caixa preta de Darwin*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- \_\_\_\_\_. *As palavras e as coisas: uma arqueologia*
- SOUZA, Sandro de. *A Goleada de Darwin – Sobre o Debate Criacionismo/Darwinismo*. Rio de Janeiro, Record, 2009.
- STOKES, George Gabriel. *Natural Theology*. Londres, Adam and Charles Black eds., 1893

WILSON, David B. 'Stokes, Sir George Gabriel, first baronet (1819–1903)', Oxford Dictionary of National Biography, Oxford University Press, 2004; online edn, Jan 2011 [http://www.oxforddnb.com/view/article/36313, accessed 23 Oct 2013]

WYHE, John van. "The Bridgewater Treatises On the Power Wisdom and Goodness of God As Manifested in the Creation", *The Victorian Web*. Disponível em: <http://www.victorianweb.org/science/bridgewater.html>. Acesso: 15/10/2013